

CHARLES
BAUDELAIRE

As flores do mal

Tradução e organização de
JÚLIO CASTAÑON GUIMARÃES

Apêndices de
J. BARBEY D'AUREVILLY
GUILLAUME APOLLINAIRE
PAUL VALÉRY



COMPANHIA DAS LETRAS

LXXXVII

O SOL

Pelos velhos subúrbios onde nas moradas
Persianas acobertam lascívias veladas,
Quando o sol, cruel, castiga violento demais,
Na cidade e nos campos, tetos e trigais,
Vou, só, praticar minha singular esgrima,
A farejar em tudo os acasos da rima,
Tropeçando em palavras como num passeio,
Esbarrando nuns versos buscados com anseio.

Avesso às cloroses, o pai provedor
Desperta pelos campos o verme e a flor;
Dissipa as aflições em direção ao céu,
As colmeias e os cérebros enche de mel.
Os que andam de muletas é ele que os refaz,
E alegres, gentis como as meninas, os faz,
E às plantações ordena amadurecer
No imortal coração que só quer florescer!

Quando vai às cidades, tal como os poetas,
Enobrece o destino de coisas abjetas,
E entra como rei, sem ruído e sem serviçais,
Em todos os palácios e nos hospitais.

XLVI. PERDA DE AURÉOLA

— Mas como? Você por aqui, meu caro? Você, num lugar de má fama! Você, sorvedor de quintessência, você, um degustador de ambrosia! Vamos e venhamos, é de surpreender!

— Meu caro, você sabe do meu terror aos cavalos e às carruagens. Ainda há pouco, quando vinha atravessando o bulevar com a maior pressa, saltitando sobre a lama, através daquele caos movente em que a morte chega a galope, de todos os lados, a um só tempo, minha auréola, por conta de um movimento brusco, deslizou da minha cabeça e caiu no lodo do macadame. Não tive coragem de pegá-la de volta. Achei menos desagradável perder minhas insígnias do que ter os ossos rebentados. E, depois, eu me dizia, há males que vêm para bem. Agora posso passear incógnito, cometer atos vis e me entregar à devassidão, como os simples mortais. E cá estou, perfeitamente semelhante a você, como vê!

— Você poderia ao menos pôr anúncios ou prestar queixa ao delegado.

— Ó, céus, não! Estou bem por aqui. Só você me reconheceu. De resto, a dignidade me entedia. E gosto de pensar que um mau poeta qualquer há de recolhê-la e envergá-la sem pudor. Fazer o bem ao próximo, que prazer! Ainda mais a um bem-aventurado que me fará rir! Pense em X ou em Z! Que tal? Como será divertido!



XCIII - A uma passante

- 1 A ensurdecadora rua em torno uivava.
2 Longa, esbelta, enlutada, uma dor majestosa,
3 Passava uma mulher, que com a mão faustosa,
4 O festão e a bainha erguia e balançava,

5 Ágil e nobre, com a perna escultural.
6 Eu sorvia, crispado como um beberrão,
7 Em seu olhar, céu lívido de furacão,
8 O dulçor que fascina e o prazer mortal.

9 Um raio... a noite cai! — Fugitiva beldade
10 Cujo olhar me causou um renascer dos dias,
11 Não te verei jamais, senão na eternidade?

12 Alhures, não aqui! Tarde! Talvez *jamais*!
13 Pois não sabes de mim, eu não sei aonde vais,
14 Ó tu que eu amaria, ó tu que o sabias!

TRAD. MÁRIO LARANJEIRA